

HABITAÇÃO

Cerca de 150 famílias que vivem de catar papel em ocupação escondida no cerrado na DF-095 serão retiradas do local para trabalhar em centros de triagem do lixo

Nova invasão na Estrutural

CECÍLIA BRANDIM

DA EQUIPE DO CORREIO

As margens da Via Estrutural (DF-095) voltaram a ser endereço de invasão. Enquanto o Governo do Distrito Federal (GDF) concentra esforços para regularizar as moradias improvisadas ao redor do lixão e que existem há pelo menos dez anos, outra ocupação cresce perto dali. A nova invasão fica do outro lado da rodovia, escondida pelo cerrado, e difícil de ser vista pelos motoristas que trafegam rumo ao Plano Piloto. Há três anos, eram poucos barracos, construídos por catadores de lixo que perambulavam pelo Setor de Indústrias Gráficas (SIA) ou pelo Setor de Inflamáveis. Hoje, pelo menos 150 famílias se aglomeram no local, entre o lixo, as árvores e os barracos feitos de madeirite velha.

O terreno pertence ao governo local e é uma área de risco. A faixa verde onde os invasores se instalaram divide uma das vias mais movimentadas do Distrito Federal dos galpões de empresas que armazenam produtos de alto potencial explosivo. São terminais de distribuição de gás e combustíveis. A cerca de 800 metros dos barracos fica o poliduto da Petrobrás, por onde passam diariamente milhões de litros de diesel e gasolina.

As tentativas de retirada dos ocupantes foram frustradas. Há menos de um mês, os fiscais da Subsecretaria do Sistema Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo) chegaram, com todo o aparato de remoção, para acabar com a invasão. Mas a operação não teve sucesso. A estratégia de resistência montada pelas famílias, com barricadas humanas, queima de pneus e confronto direto fez a equipe recuar e mudar de planos.

Apenas um terço dos moradores da nova invasão, segundo o Siv-Solo, é ligado a alguma cooperativa de catadores de papel. A maior delas é a Cooperativa de Coleta Seletiva de Produtos Recicláveis com Formação e Educação Ambiental. Até o final do mês, eles terão um lote no Setor Complementar de Indústria (SCIA) para a construção de um centro de triagem adequado. Hoje a separação dos materiais é feita ao ar livre.

Lixo limpo

Com esse trabalho, Terezinha de Fátima Pereira Pinto, 24 anos, ganha R\$ 400 por mês para sustentar cinco filhos. O material recolhido é vendido para duas empresas de reciclagem. Três vezes por semana, um carro-pipa entrega água potável às famílias. A energia elétrica é roubada da iluminação pública e o transporte escolar às crianças é garantido pela Secretaria de Educação. "A gente não está aqui para ganhar lote, mas para ter um lugar fixo para trabalhar", diz Terezinha, com o caçula, Márcio Vítor, de um ano e sete meses, no colo. Mas todos que estão no local te-

Marcelo Ferreira/CB

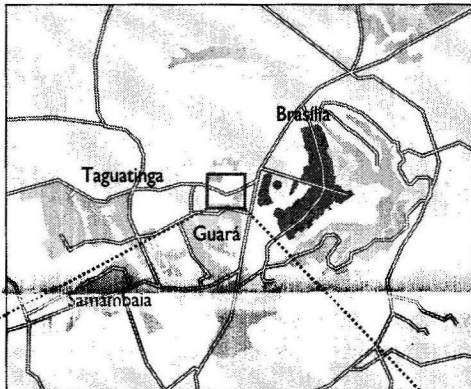


TEREZINHA PINTO E O FILHO MÁRCIO VÍCTOR MORAM NA NOVA INVASÃO: "A GENTE NÃO ESTÁ AQUI PARA GANHAR LOTE, MAS PARA TER UM LUGAR PARA TRABALHAR"

ONDE FICA

Cerca de 150 famílias ocupam a área, entre a DF-095 (Via Estrutural) e o Setor de Indústria e Abastecimento, próximo ao Setor de Inflamáveis

A área ocupada, de aproximadamente 5 mil m², é pública e considerada de risco



rão de sair, segundo o SivSolo.

A expectativa da Agência de Desenvolvimento Social (ADS) é que a melhoria nas condições de trabalho dos catadores resolva parte dos problemas financeiros das famílias e que elas consigam um lugar legalizado para morar. O Programa Lixo Limpo vai destinar sete áreas para as cooperativas. Entre elas, a dos catadores que trabalham na área contami-

nada do lixão da Estrutural.

Os novos centros de triagem serão em Ceilândia, Santa Maria, Riacho Fundo e SCIA. Os beneficiados não serão donos das terras, apenas assinarão um contrato de concessão de uso com o governo. E a estrutura dos centros ficará por conta dos catadores, que devem recorrer a parceiras com a Fundação Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal (CEF).

Mais seis pessoas presas

ARY FILGUEIRA

DA EQUIPE DO CORREIO

Sentada no meio-fio do lado de fora da 6ª Delegacia de Polícia do Paranoá, Cleuza Alves Moraes, 48 anos, desesperava-se ao saber que suas sobrinhas seriam levadas para o Presídio Feminino do Distrito Federal, no Gama. Renata Alves de Souza, 25, Daiana Alves Moraes, 18, e quatro homens, são acusados de invadirem ontem de manhã a área conhecida como Capoeira do Bálamo, perto da invasão do Itapoã. Um dia antes, outras 50 pessoas também foram presas sob a acusação do mesmo crime: parcelamento irregular do solo e invasão de terra pública.

Segundo Cleuza, as duas foram confundidas com invasores. Elas teriam saído do Itapoã para a casa da avó, que fica no Paranoá. "O caminho é obrigatório", garantiu Cleuza. O noivo de Cláudia Ribeiro de Almeida, 19, também teria sido confundido pelos policiais militares que efetuaram as seis prisões. "Ele trabalha de pedreiro no Paranoá e saiu de casa por volta das 7h30. Não para invadir terra", afirma a mulher, que não quis identificar o marido. O casal tam-

bém mora no Itapoã. "Acreditamos na PM. Todos se juntarão aos demais presos de ontem. Os homens serão levados para o Departamento de Polícia Especializada (DEP). As mulheres, ao Presídio Feminino", disse o delegado-chefe da 6ª DP, Ricardo Yamamoto.

A tarde foi de limpeza na região disputada por invasores e defendida pelos órgãos oficiais do governo. Oito caminhões da Subsecretaria do Sistema Integrado de Vigilância do Uso do Solo (SivSolo) foram usados para transportar ao lixo pedaços de fita, estacas de madeira e lona usadas para a demarcação ilegal. Mesmo com a situação aparentemente controlada, a polícia e o SivSolo farão vigia no local.

Cerca de 40 homens ficarão na área, das 8h às 18h, por tempo indeterminado. Uma tenda cedida pela 10ª Companhia de Polícia Militar Independente do Paranoá serve de abrigo. "Não sairemos da área até que não haja mais perigo", garantiu o responsável pela operação, capitão Reginaldo Albuquerque Lima, do SivSolo. A tentativa de invadir a área começou na sexta-feira, quando cerca de 500 pessoas tentaram parcelar lotes.